



5708 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)  
 GT14 - Sociologia da Educação

GEO-GRAFIAS DOCENTES NA METRÓPOLE: A CASA E O PEDAÇO  
 Álida Angélica Alves Leal - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
 Ines Assunção de Castro Teixeira - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Não houve

### GEO-GRAFIAS DOCENTES NA METRÓPOLE: A CASA E O "PEDAÇO"

**RESUMO:** Partindo do pressuposto de que vidas de sujeitos socioculturais professores/as devem ser apreendidas em outros espaços e tempos da vida social além das escolas, investigamos as *geo-grafias* docentes na metrópole, construído teórico-conceitual que designa práticas espaciais de sujeitos-professores/as nos espaços citadinos durante seus tempos cotidianos (Lefebvre, 1974; Hargreaves, 1999; Harvey, 2003). A pesquisa exploratória buscou compreender sentimentos, sentidos e significados associados e atribuídos a estas práticas por meio de análise bibliográfica e 23 (vinte e três) entrevistas semi-estruturadas com docentes do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental que lecionavam na Rede Pública Municipal de Contagem/MG (primeiro semestre/2010). Neste texto, apresentamos alguns aspectos/dimensões que singularizam estas *geo-grafias* docentes na metrópole, quais sejam: a relação destes sujeitos com a casa e a constituição de "pedaços" docentes (Magnani, 1998).

**PALAVRAS-CHAVE:** *Geo-grafias docentes. MetrÓpole. Casa. Pedaço.*

#### INTRODUÇÃO

Habitar é narrativizar. Fomentar ou restaurar esta narratividade é, portanto, também uma tarefa de restauração. É preciso despertar as histórias que dormem nas ruas... (Certeau e Giard, 1997, p.201)

Por entre os espaços da casa e da rua, do trabalho e do lazer, de canto a canto de grandes cidades, encontramos os professores e professoras aqui investigados: atravessando as ruas, descendo dos ônibus, estacionando carros; entrando e saindo de casa, das escolas, dos mercados, dos shoppings, das feiras. Nas avenidas e praças; nos cinemas, nos bares, nas igrejas os vimos: estão em práticas espaciais para além da escola. Aqui e acolá, habitantes da metrópole, eles e elas percorrem estes espaços como for, quando for, com quem for.

Ainda que os períodos de tempos de professores nas escolas e salas de aula sejam mais longos e preponderantes em seu dia a dia do que outros tempos e espaços, partimos do pressuposto de que professores são *sujeitos socioculturais* que vivem nas teias das interações, das espacialidades e temporalidades humanas, construídas não apenas nas escolas, mas com suas famílias, seus amigos e conhecidos em redes de sociabilidade presenciais e à distância.

Por este e outros motivos, investigamos as *geo-grafias* docentes na metrópole, construído teórico-conceitual que designa práticas espaciais de sujeitos-professores/as em espaços citadinos durante seus tempos cotidianos (Lefebvre, 1974; Hargreaves, 1999; Harvey, 2003). Buscamos compreender os sentimentos, sentidos e significados atribuídos a espaços frequentados, percorridos e vividos por docentes na metrópole, revelados e reconstituídos em seus relatos.

Por entender que docentes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio possuem mais acesso aos "*produtos culturais situados*" na cidade (Fanfani, 2005), investigamos professores do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental das Redes Públicas de Ensino que lecionavam em escolas da Rede Pública Municipal de Contagem, cidade pertencente à Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), Minas Gerais, entre fevereiro e agosto de 2010. Através de entrevistas semi-estruturadas, individuais, gravadas, realizadas mediante os princípios teórico metodológicos da História Oral, escutamos suas narrativas.

Eles e elas formaram um grupo de 23 entrevistados [1], com traços socioculturais e histórias particulares e comuns, seja nos âmbitos pessoais, profissionais e/ou concernentes às suas práticas espaciais. Neste conjunto, composto por 10 residentes em Belo Horizonte e 13 em Contagem, estavam 13 mulheres e 10 homens, sendo 03 de 30 anos de idade; 07 estavam entre 31 e 40 anos; 07 tinham entre 41 e 50 anos e os 06 demais estavam na faixa acima de 50 anos de idade. Do total de entrevistados, 08 se autodeclararam brancos, 08 declararam-se pardos, 02 se consideravam pretos e outros 05 não quiseram responder a esse quesito. Quanto ao estado civil, 10 eram casados/as e/ou viviam com companheiros/as; 08 eram solteiros/as, mas tinham namorado/a e/ou noivo/a; 01 era casado, mas não vivia com a companheira, 02 eram solteiros e 02 eram separados. Do total, 11 possuíam filhos, sendo as quantidades e idades as mais variadas. Aproximadamente um terço do grupo lecionava na mesma cidade onde morava, dois terços moravam em uma das três maiores cidades da RMBH (Belo Horizonte, Contagem e Betim) e trabalhava em outra delas.

Das *geo-grafias* narradas por estes sujeitos, focalizamos, neste trabalho, as dimensões analíticas da casa e do *pedaço*.

#### "UM LUGAR QUE NOS DEVOLVE A NÓS MESMOS"

Nos relatos do grupo de professores sobre os espaços que percorrem e frequentam nas cidades onde vivem e trabalham, a remissão às suas casas, aos lugares onde moram, foi recorrente, predominando sobre os demais. Nos territórios urbanos, a casa é um dos "*fixos*" citadinos (Santos, 1994), para além de seu aspecto de abrigo dos grupos familiares. Nas sociedades modernas, a casa pode ser comercializada, vendida, comprada, especulada, arrendada, alugada, emprestada, demolida, desapropriada. A casa é, muitas vezes, objeto-mercadoria de desejos, conforme relataram alguns professores. Enquanto alguns entrevistados destinam parte de seus salários ao pagamento do aluguel ou de parcelas da chamada "*casa própria*", outros expressam orgulho pela conquista da posse de seus imóveis.

A casa foi mencionada pela maioria dos docentes, sobretudo, como o território da família. Para alguns sujeitos, a casa e a família são colocadas como prioridade em suas vidas, além de estarem intimamente relacionados. Estar em casa significa estar em família, seja com os filhos e marido, seja com amigos, parentes e/ou famílias-amigas ou estar entre iguais, os pares, significando afeto, amizade, familiaridade, festa, tradição, encontro, bagunça, alegria. Pode-se considerar que as ligações com as famílias, ao lado do trabalho, são aquelas às quais os docentes dedicam maior atenção, cuidado e

preocupação. Vieira e Relvas (2003) pontuam que as vidas de professores estão situadas prioritariamente por entre a escola e a família.

Para alguns docentes entrevistados, é preciso ficar em casa para cumprir o papel de dona de casa, não sendo esta uma condição apenas feminina, mas também de alguns dos professores, embora eles assumam tarefas domésticas em menor número e frequência. Sabe-se que as questões de gênero são muito fortes quando se trata da casa. A divisão sexual do trabalho está presente, uma vez que algumas entrevistadas, mais do que os professores homens, precisam dividir seus tempos diários entre as duas escolas em que trabalham e os serviços domésticos.

A permanência de alguns docentes no espaço da casa em detrimento de outros locais da cidade tem ainda outra motivação peculiar: mesmo em suas casas, destituídos dos papéis exercidos nas escolas, docentes continuam desenvolvendo parte de seu ofício, como o “*serviço burocrático*”. Essa tarefa, ao lado da elaboração de atividades e avaliações variadas, do planejamento e de algum estudo, é assim realizada por motivos vários: a possibilidade de acesso a materiais diferenciados, impressos e/ou digitais; o acesso a computadores e/ou internet, por vezes inacessíveis nas escolas; maior tranquilidade e/ou silêncio, se comparado ao espaço escolar; menor possibilidade de interferências de colegas, estudantes e/ou outros funcionários da escola; disponibilidade de tempos mais longos para se dedicar à elaboração dos materiais, entre outras razões. [2]

A casa representa uma extensão do espaço da escola e do tempo de trabalho docente. Contudo, ela não se reduz a isso, uma vez que tem várias significações e sentimentos nela inscritos, atribuídos pelos professores: lugar de descanso; lazer-prazer; motivo de saudade; local do aconchego, da individualidade, do silêncio, em oposição a outros espaços da cidade. A casa como um lugar valorizado emocional e simbolicamente, uma expressão de afetos, numa clara relação de amor, como num romance vívido e vivido, visível no cuidado renovado com esse espaço.

E, além desses, que outros aspectos considerar para se compreender o que a casa representa, para aqueles e outros tantos professores e professoras? Entendendo que a casa não é apenas espaço físico mensurável, DaMatta (1997, p.08) nos convida a contrapor *casa* e *rua*, sendo que tais categorias sociológicas só fazem sentido se colocadas em oposição, em contextos de contrastes e complementaridade. Para o autor, ambas designam “*entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.*”

*Casa* e *rua* simbolizam uma “*oposição básica na gramática social*” de um país, relembra DaMatta (1997). Se utilizadas como metáforas, servem para dizer que a *casa* pertence ao domínio das relações pessoais, enquanto a *rua* fica no eixo das leis impessoais. O ângulo da *casa* ressalta a pessoa, possui intensidade emocional alta, expressa laços de familiaridade. Já o ângulo da *rua* tem maior rigidez, referindo-se ao que tem força de lei, de emoção disciplinada, anonimato, impessoalidade, desprendimento, o que permite a exclusão e a condenação. Entendidas como categorias sociológicas, *casa* e *rua* são esferas de sentido que constituem realidades e permitem regular o comportamento por meio de perspectivas particulares.

Para alguns entrevistados, estar em casa pode ser sinônimo de descontentamento, uma vez que enclausurar-se neste espaço pode significar não propriamente uma opção, mas uma reação ao medo da cidade, receio de estar na rua e daquilo que ela contém de negativo, de temor e temeridade, na visão de alguns docentes. Para uma professora entrevistada, ficar em casa em detrimento de deslocar-se para outros espaços da cidade como bares e shoppings, por exemplo, especialmente aos finais de semana, contrapõem-se ao “*batidão*” semanal na escola, sinônimo de agitação e barulho.

Neste sentido, o descanso, que também tem abrigo na casa de alguns docentes entrevistados, é um importante elemento edificado na arquitetura material e simbólica da casa, outro motivo pelo qual nela permanecem quando é possível. A casa é singular e especial, remetendo à noção de privacidade, de intimidade, de vida cotidiana. É um lugar de morada de pessoas conhecidas com seus respectivos universos biográficos e culturais, com quem os professores compartilham alegrias, sofrimentos, lembranças e enredos que carregam viveres e histórias individuais e comuns. Nestes casos, outros espaços da cidade são trocados pela casa, na qual muitos dos docentes desfrutam longas horas de sono que revigoram o corpo. A casa simboliza fuga de tantas horas expostas ao trabalho, à escola, à docência com suas tantas exigências e desgastes.

Para melhor entender os significados da casa, deve-se lembrar, ainda, que ela é o lugar no qual a habitabilidade está associada ao bem-estar, conforme Brandão (2009, p.1). De outra parte, ainda conforme o autor, a habitabilidade plena integra o real, o simbólico e o imaginário numa totalidade que envolve nossas dimensões existenciais, transformando em um cosmo com sentido e ordem, o caos de nossos corpos individuais e coletivos.

A habitação, que não se resume apenas à casa, constitui-se no lugar que nos devolve a nós mesmos, às nossas certezas, através dos usos, estímulos, espaços e objetos que escolhemos ter ao nosso redor. Dessa forma, o bem-estar constitui-se quando a habitação nos salva, cuida de nós, cultiva-nos e devolve-nos a nós mesmos, à nossa história, à nossa tradição e às nossas possibilidades, ancora-nos, dá-nos o assentimento do eu e a segurança requerida [...] para o bem estar. [...] O bem-estar é o próprio exercício da “*habitabilidade*”, ou seja, da assunção do meu lugar para mim, para o mundo e para o absoluto.

De modo geral, conforme os investigados, a casa possui múltiplas significações em suas vidas cotidianas. No entanto, cabe destacar: as relações que estes sujeitos estabelecem com este espaço demonstram que vida pública e privada de professores ora se misturam, ora se confundem, ora se contrapõem, sendo marcadas, em maior ou menor profundidade, por contornos e traçados da profissão e da condição docente.

### **HABITAR O PEDAÇO**

Para os/as professores, seja do grupo investigado, seja quais forem eles e elas, a cidade e o mundo não surgem de repente quando avançam os limites da “*soleira da casa*”. Entre a casa e a rua existe o *pedaço*, entendido por Magnani (1998, p. 116-117) como “*um espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que permite atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpenetração da sociedade mais ampla e suas instituições*”. *Pedaços* são, pois, um ou mais espaços demarcados, que se tornam pontos de referência que distinguem determinados grupos de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações sociais marcadas pela proximidade, pelo conhecimento e reconhecimento.

A principal referência do *pedaço* é a articulação de vínculos pré-existentes como os de vizinhança e procedência, dentre outros, que geram uma forma de sociabilidade típica em determinados limites espaciais. O *pedaço* abarca locais de encontro e lazer cuja proximidade da casa ou as relações interpessoais podem fazer com que haja sujeição dos frequentadores a determinadas formas de controle, especialmente aquelas exercidas pelos “*conhecidos*”. Nestes locais, as redes de sociabilidade são tecidas por conversas informais e trocas cotidianas de favores, gentilezas, olhares, comentários. Sendo assim, são dois os elementos básicos do *pedaço*: um componente de ordem espacial que, por sua vez, corresponde a uma determinada rede de relações sociais que ali é costurada.

Nas entrevistas com os professores, encontramos quatro tipos de *pedaços* mais significativos em suas vidas cotidianas, que evocam elementos típicos de seu trabalho. Esses “*pedaços docentes*” são usados e apropriados em várias situações, entre as quais destacamos: 1) quando saem juntos ou se encontram durante os entre-turnos escolares, em momentos destinados à alimentação, especialmente ao almoço, em shoppings, restaurantes, lanchonetes, etc, ocasiões em que estão entre companheiros de trabalho; 2) quando se deslocam juntos em carros, ônibus e/ou à pé, para irem e/ou voltarem da/s escola/s em que trabalha/m, conversando, contando as novidades e/ou *fofocas* sobre assuntos variados, constituindo os *pedaços-trajeto*; 3) quando estão nos “*bares da vida*” com colegas de trabalho e 4) embora mais raramente, quando estão juntos em seus movimentos de resistência como os “*palcos de greve*” (Teixeira, 1998), constituídos em espaços públicos, especialmente ruas e avenidas.

Destacamos, entre esses quatro tipos, o *pedaço* dos bares, presente nos relatos de alguns entrevistados. Tais locais, entre outros de seus aspectos, costumam funcionar como um palco de uma transição com três aspectos peculiares, conforme Pajak e Blase (1984 apud Vieira e Relvas, 2003). Tratando-se dos professores, o primeiro é que o bar pode ser uma oportunidade de discutirem problemas vividos na escola, reduzindo o impacto dos mesmos sobre sua vida privada. A passagem do ambiente da escola para o ambiente do bar refere-se à transição de uma dinâmica extrafamiliar para uma dinâmica intrafamiliar de maneira não-abrupta, mas gradual e paulatina. Tal significado está intimamente ligado à oposição entre a casa e a rua, uma vez que o *pedaço*, espaço de transição, tem a capacidade de amenizar os possíveis impactos que um dia de trabalho cansativo teria sobre a família, por exemplo.

O segundo aspecto refere-se ao fato de o bar funcionar na vida dos docentes como um modo de compensação do “*caráter impessoal*” e, sobretudo, formalizado, ritualizado, programado e administrado das escolas. Nos territórios escolares, embora sejam eles palco de ações instituintes e de informalidades, são reduzidas as oportunidades para que os/as docentes expressem sua personalidade, seu modo de ser e estar no mundo como pessoa e não apenas como profissional, de modo mais livre e espontâneo.

Em seu “*veio democrático*”, espontâneo, flexível, divertido e informal, o *pedaço-bar docente*, também considerado um espaço político, permite, ainda, que a impessoalidade da rua e a pessoalidade da casa sejam mediadas e superadas pelo exercício da liberdade, pela existência de outros laços relacionais. Conforme dois entrevistados disseram, os bares são também espaços oníricos, que propiciam “*sonhar*” com outra escola possível.

O terceiro significado assumido pelo bar na vida daqueles professores, ainda conforme os referidos autores, é a permissão da passagem de um restrito papel profissional para uma expressão mais livre e espontânea do eu pessoal. Os bares mais se assemelham aos tempos da festa, da transgressão, do prazer, das escolhas do que aos tempos do trabalho assalariado.

Ao observar os três aspectos apontados pelos autores, alguns elementos transversais caracterizam a saída dos professores entrevistados para os *pedaços* dos bares, nelas incidindo um recorte de gênero, entre outras questões a observar nesses tempos/espaços docentes. De modo mais geral, sabe-se que, historicamente, a divisão sexual dos papéis refletiu-se, também, na separação entre as esferas públicas e privadas, estando os homens localizados na primeira e as mulheres confinadas à segunda. Talvez este seja um dos motivos pelos quais os espaços dos bares tenham sido mencionados mais vezes e com maiores detalhes pelos professores em detrimento das professoras. Ao saírem das escolas, especialmente se casadas, com filhos e/ou com poder aquisitivo menor, as professoras têm maior preocupação com os afazeres da casa, que geralmente recaem sobre elas. Isto faz com que elas se dirijam para casa e não compartilhem os espaços de bares com os colegas, especialmente nos trajetos entre a escola e a casa. Isto não significa que as mulheres professoras não frequentem estes espaços físicos, mas isto acontece com mais frequência na companhia de outros amigos, que não os colegas de trabalho, além de os frequentarem com membros de suas famílias, geralmente aos finais de semana.

Destaca-se, ainda, no grupo entrevistado, que para alguns daqueles professores e professoras, contrariamente aos demais, há fatores diversos que levam à inexistência dos *pedaços docentes* nos bares em suas vidas cotidianas. Dentre estes, destacamos que, para alguns docentes, torna-se difícil sair para os bares, junto com os colegas, devido aos tempos de trabalho engessados, subsumidos à rítmica societária, por entre as grades dos relógios, dos calendários e horários escolares. Os ritmos de trabalho na escola, o chamado “*batidão*”, dificultam essas saídas com a turma.

## **OUTRAS CASAS, PEDAÇOS E A FAMILIARI(CIDADE)**

Nas *geo-grafias* docentes nas cidades, casa e *pedaço* se trançam. São como rotas e paradas que se cruzam, se completam, perpassam, interpelam. São traços que se atravessam, desdobram e enredam em configurações e movimentos. Retornemos a eles, buscando suas tramas.

Alguns dos docentes, quando falaram sobre os *pedaços* ou quando se reportavam a espaços como a casa do namorado, o bar ou o bairro, também os denominaram de casa: “*minha segunda casa*”. A noção de casa ultrapassa as vertentes físico-geográficas, tornando-se uma ideia mais ampla, que se pluraliza, tal como o professor Fábio dizia: “*quando tem um recesso, eu costumo ficar em casa. Até porque quando eu falo que é ficar em casa, não é ficar literalmente dentro de casa. É ficar em casa, nas redondezas, não é ficar lá enfiado dentro de casa. (...) É dar um pulo na praça da Glória, é correr, academia, tomar uma cerveja num boteco. Pra mim, isto que é ficar em casa.*”

DaMatta (1997) salienta que o espaço percebido e imaginado da casa pode ser reduzido ou ampliado, conforme a unidade que surge como foco de contraste. A casa pode tanto definir o espaço privado e íntimo de uma pessoa, como o quarto de dormir, quanto pode designar um espaço maior e de caráter público.

O *pedaço* do bairro onde o professor vive, ao ser chamado de casa, é ressignificado como lugar que contém paixões e amores, tristeza e solidão, memória e esquecimento, constituindo modos de ser e estar no mundo de forma mais ampla. Embora públicos, eles se tornam lugares de intimidade, nos quais o professor se (re)conhece. Nos termos de Bachelard (2008, p.53), “*todo o espaço realmente habitado traz em sua essência a noção de casa [...] A casa é todo um mundo*”. Ainda conforme o autor “*os espaços amados nem sempre querem ficar fechados! Eles se desdobram. Parece que se transportam facilmente para outros lugares, para outros tempos, para planos diferentes de sonhos e lembranças*”.

Para além de desfazerem uma oposição rígida e simplificada entre a casa e a rua, as palavras de Fábio fazem pensar sobre a lógica do *pedaço*. Embora este tenha sido analisado a partir de uma oposição entre casa e rua (DaMatta, 1979), suas conexões não são fechadas e/ou impermeáveis aos modos de funcionamento e códigos característicos de cada uma dessas partes. O *pedaço* se mistura à lógica própria da rua e da casa, invadindo e sendo invadido por suas regras, suas contradições e características mais particulares. A casa onde os professores residem, enquanto espaço físico-geográfico, também pode ser transformada em um *pedaço*. A professora Renata comenta que, quando ela e seu marido vão receber alguns amigos em casa, a casa é ressignificada. O casal encontra-se entre iguais, estabelecendo com os visitantes uma relação de companheirismo e alegria, articulando e transformando vínculos de trabalho em vínculos de amizade, uma vez que muitos que ali estão são também professores. Trata-se de um *pedaço* de “*convivialidade seletiva*” (Certeau, 2008).

Na cidade vimos surgir, ainda, as casas dos parentes como outra forma em que a casa aparece nas *geo-grafias* docentes. São um lugar especial, frequentado pelos professores, pelos laços que mantêm com seus moradores – enlaços parentais, em sua maior parte. Pode significar comodidade, aconchego, afeto, saudade e, também, desconforto e obrigação, quando

nelas é preciso ir para fazer visitas, nem sempre desejáveis. Ademais, outros grupos que não habitam a casa dos professores e com os quais não possuem parentesco, mas que fazem parte de sua família humana, como se estendessem seus grupos familiares e ampliassem suas casas, também surgem nos relatos. Nessas ocasiões podemos falar de *familiari(cidades)*, quando as famílias se ampliam e se encontram nas cidades. Nestes cenários, a casa, o *pedaço* e os espaços de *familiari(cidades)* se misturam, se sobrepõem, se completam e interpenetram, gerando espaços e relações que ocupam um lugar privilegiado na vida de muitos entrevistados.

Outro aspecto a considerar é que no grupo daqueles professores, os tempos, viveres e significados da casa onde moram, as atividades e práticas nela vividas, inscritas nos sentidos, significados e sentimentos que despertam, por vezes inibem a formação de *pedaços* e a vivência dessas *familiari(cidade)* em suas experiências de habitar a urbe. Observa-se que alguns professores e professoras do grupo investigado decidem estar com seus familiares em casa em detrimento da companhia dos amigos e de outros parentes em outros locais citadinos, em função de suas longas jornadas laborais e da intensificação de seus ritmos diários e semanais de trabalho que os retiram do convívio familiar. Percebe-se que a constituição de *pedaços* é enfraquecida, tornando-se opaca ou inexistente.

O fato de “*levar trabalho para casa*” também pode ser um outro fator de cerceamento ou restrição, uma vez que alguns deles e delas ficam impedidos de frequentarem certos espaços da cidade porque precisam ficar em casa para realizarem tarefas docentes. Ademais, as questões salariais também impõem limitações à constituição dos *pedaços* na vida cotidiana dos professores, pois nem sempre há recursos financeiros para cobrir as despesas de um passeio, como ouvimos de alguns deles.

A baixa existência dos *pedaços* nas *geo-grafias* daquele grupo de professores aparece, também, associada à sensação de insegurança e violência comum nos habitantes de grandes centros urbanos, como também se associa às distâncias a serem percorridas para se deslocarem de um ponto a outro da metrópole. Em suma, seja por questões financeiras, seja por questões como cansaço, preguiça, desânimo, distância, por falta de tempo ou outros fatores, é a vida urbana que adentra a casa. Vê-se televisão, escuta-se rádio, conversa-se ao telefone e navega-se na internet, utiliza-se serviços “*delivery*” sem sair de casa. É a “*aniquilação do espaço pelo tempo*”, realizada por meio da “*revolução técnico-científico-informacional*” (Harvey, 2008; Santos, 1994).

Passando a outros planos de análise, nos relatos das entrevistas, a própria casa e o *pedaço* docente se mostraram, por vezes, impactados negativamente pelo tipo de trabalho daqueles docentes. Alguns professores do grupo relataram seus esforços, em maior ou menor grau, para não misturarem o “*lá fora*” (o universo da própria casa e o *pedaço*) e o “*aqui dentro*” (universo da escola) [3]. Observou-se que tal questão está diretamente associada às “*diferentes posições na carreira docente*” (Huberman, 1992): quanto maior a experiência profissional, maior o empenho em separar as referidas esferas da vida, para alguns professores. Tal dualidade é apontada pelo professor Gilberto, que estava prestes a se aposentar. Quando questionado sobre o que conversa com seu irmão, professor, e sua namorada, pedagoga, quando se encontram, disse:

Nunca de professor. Nunca assunto de escola. A gente evita, é lógico que aparece, aparece de vez em quando porque não tem como. Mas a gente tem um lema nosso: jamais, fora da escola, conversar sobre a escola. Lugar nenhum, nem com a minha família, nem com ninguém. [...] É uma decisão nossa. [...] Porque não vale a pena. Trabalho você tem ele quando você está dentro e só nele. Fora dele, se você começar a envolver seu ambiente social no seu trabalho, você não tem vida social. Você passa a ter vida só de trabalho.

O esforço e negativa de alguns professores na preservação do espaço da própria casa como um tempo/lugar alheio ao trabalho escolar é também enfatizado pelo professor Fábio:

“Olha só! Não me peça pra corrigir uma prova em casa, que eu não levo trabalho pra casa. Que eu não faço isto! E isto eu já fiz, mas eu não levo trabalho pra casa. [...] Eu não me desligo do fato de ser professor, de situações de aprendizado, porque eu acho que aprender é muito gostoso! [...] Agora, juntar 700 provas, botar no carro, nem morto! (risos). Minha companheira faz! E isto me irrita profundamente!”

Há, contudo, situações em que os relatos sobre o trabalho são aceitos em espaços de lazer ou descanso: trata-se de algo positivo, prazeroso, leve, descontraído, porque fala-se das alegrias sentidas junto aos alunos, por exemplo conforme relata a professora Mariana:

Quando saem professores juntos, o que mais tem é assunto. [...] Procuo muito não falar escola! Procuo muito assim, sabe? Se for um caso mais emotivo, alguma coisa sobre um aluno, aí eu vou comentar. Eu faço o impossível, nem possível, o impossível pra não levar, eu já passei por esta armadilha. [...] Mas eu era assim. Eu não dormia, eu sonhava. [...] Mas hoje, dizer que eu levo este problema pra casa, pra cama, (risos), graças a Deus, me libertei.

Em suma, as táticas para separar a escola da diáde *casa-pedaço* giram em torno de várias iniciativas. Entre elas, os acordos com colegas, familiares e/ou amigos, para que não conversem sobre o assunto; a realização de tarefas docentes na sala de aula e nos chamados “*tempos pedagógicos*” ao invés de trazê-las para a casa; além do rompimento parcial de vínculos com colegas que, fora da escola, estão em realização constante de realização de “*conselho de classe*”, como aponta a professora Sandra, entre outros.

Há que considerar, ainda, que dentre os docentes investigados, não encontramos nenhum caso de professores que, ao circularem pela cidade, realizam atividades escolares como elaboração e correção de provas e exercícios. Entretanto, sabe-se que isto acontece, especialmente nos ônibus e metrô, nos quais foi possível observar essas ações de professores algumas vezes ao longo do período da realização desta pesquisa.

No que concerne às práticas mais livres e de entretenimento do grupo, na casa, no *pedaço* e outros locais, segundo alguns entrevistados, embora prazerosos, são períodos demasiadamente curtos. São pequenos, porque são longas as jornadas de trabalho e os afazeres domésticos, especialmente no caso das mulheres-professoras. Muitas vezes, estes períodos a serem desfrutados junto aos filhos, às avós, às mães e aos namorados, por exemplo, são apertados, estreitos, escassos, pois é preciso ir embora cedo: “*Amanhã começo a dar aulas às 07:00 da manhã. Para isto, acordo às 05:00!*”, como disse o professor Júlio. Ir à casa de parentes é algo realizado dentro de certos limites, especialmente de tempo. Estar no bar com os colegas é algo que tem que ser negociado, sendo que raras vezes acontece sem planejamento prévio.

Perante situações profissionais problemáticas ou fatores associados à sobrecarga de trabalho, conflitos no contexto laboral, estresse, *burnout*, absenteísmo e tentativas de abandono da profissão, entre outros, professores têm criado formas de lidar com estas situações, o chamado “*coping*” (Vieira e Relvas, 2003). Estar no bar, por vezes, pode ser uma “*estratégia de confronto e controle*”, destinada à resolução de problemas profissionais. Estar com pessoas que evitam conversar sobre o trabalho escolar em ambientes extra-escolares se constitui como uma “*estratégia de evasão ou escape*”, uma atitude de afastamento ou adiamento do confronto com situações-problema. Dormir, comer, ver televisão e descansar em casa, desfrutar da companhia dos amigos no *pedaço*, estar com a família em diferentes pontos da cidade

em tempos livres, por sua vez, são “*estratégias de gestão dos sintomas*”. Estas podem ter ou não uma relação direta com os problemas da vida profissional dos docentes, como podem, também, auxiliar no controle dos sintomas do mal-estar docente.

### ESSAS RESTAURAÇÕES INACABADAS...

Nas narrativas de um grupo de professores e professoras, *geo-grafias* docentes restauradas porque revistas, porque refeitas de perto ou à distância, sobre a cidade, com a cidade, na cidade...

Para analisá-las, cabe destacar que a cidade uma categoria que envolve vasto conjunto de proposições conceituais. Dentre distintas formulações, aqui trazemos a cidade enquanto uma invenção, uma criação humana, uma “*obra de arte*”, conforme Lefebvre (2008, p.82). Nela, o espaço não é somente organizado e instituído, mas também modelado e apropriado por vários grupos sociais, conforme suas exigências, sua ética, sua estética, sua ideologia. Tal noção remete à criação, à inspiração, à engenhosidade, devendo ser considerados dois aspectos a respeito: o da monumentalidade e do emprego do tempo pelos cidadãos e cidadãos, membros da coletividade.

Entendida como “*obra de arte*”, a cidade encontra seu par dialético na noção de cidade-produto. Enquanto a obra tem algo de insubstituível e de único, o produto pode ser reproduzido, resultado de gestos e atos repetitivos. Em determinadas circunstâncias, os espaços sociais assumem o caráter de desprendimento, de apropriação, de prazer e desejo. Em outras, assumem o aspecto de coisa, de mercadoria a ser trocada, comercializada. Na cidade-produto, o artificial e o sofisticado preponderam sobre o espontâneo e o apropriado. Enquanto a cidade-obra remete ao valor de uso, a cidade-produto refere-se ao valor de troca. Cidade-obra e cidade-produto, no entanto, não podem ser separadas. Entre ambas existem relações complexas, mediações. (Lefebvre, 1974; 2008).

A cidade pode também ser entendida como o lugar em que o mundo e os homens se movem e se constroem como sujeitos históricos, lembrando Santos (1994), tal como observa-se nos deslocamentos e percursos daqueles professores em seus tempos cotidianos. Ademais, transfiguradas em metrópoles, as grandes cidades, sob o signo do capitalismo, implodem e explodem criando formas inéditas de viver o tempo e o espaço. Passam por um processo de atualização capitalista de preparação das cidades para uma vida voltada para o consumo.

Destaca-se que as relações de sociabilidade são mediadas pelo mundo da mercadoria e do trabalho. Daí as várias cenas que se pode ver daqueles professores nos shoppings, por exemplo. Nesta perspectiva, entende-se que a metrópole tem a capacidade de reunir, fragmentando a tudo e a todos. Isto decorre da ampliação e extensão das relações mercantis e quantitativas a todas as dimensões da vida. Com a metropolização, a cidade passa da condição de obra a produto.

No cerne do urbano e da cidade como fragmentação está o que Lefebvre (2008) chama de cotidianidade. A repetição incessante, característica do mundo moderno, faz com que as coisas percam o sentido, trazendo consigo certa banalização. Trata-se de algo que é não apenas recorrente, repetitivo, mas também corrosivo, reduzindo a possibilidade de irrupção do novo, do espontâneo. O uso e distribuição do tempo e do espaço torna-se dividido entre momentos e locais determinados para o desempenho de atividades prescritas.

Embora os atuais ordenamentos capitalistas continuem avançando de variadas formas sobre a vida cotidiana, nela continua presente a possibilidade da não-fragmentação, através dos agenciamentos humanos. As ações humanas individuais e coletivas (re)constróem sentidos e possibilidades outras, que não os impostos pelo modo de ser e estar no sistema de produção, extrapolando as configurações dos lugares e formas de sociabilidade erigidas sob o paradigma do capitalismo. Para Certeau (2008, p.171-172), através de suas táticas cotidianas, os praticantes urbanos subvertem a cidade-conceito racionalizada e normativa para construir e instaurar novas apropriações. Tais práticas precisam ser apreendidas e analisadas em seu contexto de produção.

Observando os docentes de um modo geral, e especialmente os sujeitos desta pesquisa, que práticas sociais singulares e plurais eles e elas constroem, exercitam ou realizam sobre a cidade, com a cidade, na cidade? Que enredos e textos escrevem na cidade, com a cidade, sobre a cidade, grafias e histórias marcadas nos territórios citadinos que habitam – suas *geo-grafias*? Percorremos algo dessas questões neste estudo, sem qualquer pretensão de esgotá-las, trazendo alguns desses traçados.

Nesse trajeto, uma das descobertas mais evidentes é a de que os docentes entrevistados, tal como seus contemporâneos, têm variadas relações com a cidade, sendo algumas delas divergentes entre si, enquanto outras convergem. Tais relações vão variando, vão sendo mais ou menos facilitadas ou dificultadas, mais ou menos cerceadas ou possibilitadas, conforme as configurações do trabalho, as condições de deslocamento, as composições e dinâmicas familiares, as possibilidades de consumo de cada docente.

Nestas relações entre docentes e metrópole observa-se a dicotomia entre a cidade-obra e a cidade-produto, havendo predominância da segunda sobre a primeira. A cidade-produto, muitas vezes, é aquela que vivem com mais intensidade em suas labutas diárias. A cidade-obra, que tem algo de insubstituível e de único, marcada pelo espontâneo, pela festa, pelo lúdico, pela possibilidade do porvir, está pouco presente em suas vidas. No entanto, nem por isto deixa de ser mencionada nos relatos dos docentes. Espera-se que a cidade-obra possa estar mais presente, visível e constante nas vidas dos sujeitos professores, pelo que essa experiência da cidade pode oferecer-lhes.

Nas *geo-grafias* docentes, ainda deve-se reiterar que, constituindo parte de sua singularidade, entre outros de seus traços e trançados, as entrevistas trouxeram-nos a casa, preponderantemente. E nela, as famílias, que também circulam com estes sujeitos por outros cantos da cidade. As ligações com as famílias, ao lado do trabalho, são centrais, sendo alvo maior de atenção, de cuidado, de preocupação e de dispêndio de tempo no cotidiano dos professores. Os espaços que eles e elas habitam são preponderantemente os da casa – os territórios da vida familiar –, assim como os da escola – territórios do mundo do trabalho –, pouco sobrando para outras experiências.

O cotidiano daquele grupo de docentes na cidade transcorre, prioritariamente, entre a escola e a casa/família, sendo que cidade, família e escola se interpenetram: no tempo/espaço da casa são realizadas tarefas da escola e na cidade o grupo familiar se expande, frequentando junto os *pedaços*, os espaços extra-escolares e extra-familiares. Observa-se em territórios não domésticos a ampliação da própria casa, pelo fato recorrente de os professores habitarem espaços não escolares da cidade na companhia de seus familiares: *familiar(cidades)*. E na casa, a escola e o trabalho se fazem presentes, assim como nos *pedaços* dos bares e outros mais.

Por fim, à procura das vidas cotidianas de sujeitos-docentes impressas em suas relações com os espaços da metrópole, foco deste estudo, buscamos a palavra *Geografia*. O termo, inicialmente tomado como metáfora neste trabalho, foi transportado e transfigurado em um construto teórico-conceitual, as *geo-grafias*, analisadas a partir de seus termos fundadores: o espaço e a escrita, a cidade e a escritura, os lugares, os territórios, as paisagens, os sujeitos e suas caligrafias espaciais. Grafias sobre o espaço, sobre o chão, geografias que falam e contêm a vida, demarcando histórias individuais e coletivas situadas espacial e temporalmente nas teias da metrópole. Vidas de professores, por isso *geo-grafias* docentes. Grafismos de experiências que se edificam e expressam em percursos e histórias, em sentimentos, sentidos e significados relatados pelos sujeitos ao narrarem suas idas e vindas, seus movimentos e paradas nos espaços-

tempos metropolitanos, desvelando suas marcas, sinais e inscrições. Revelando nos trançados dos traços, a trama dos enredos de suas vidas e percursos com a cidade, sobre a cidade, ora se referindo aos fatos, ora falando de sonhos, projetos, quimeras.

Algo dessas grafias foi aqui *despertado* em pequenos traçados. Em sua forma mais completa, *geo-grafias* docentes (ou de quem seja), não caberiam em um artigo. Elas ultrapassam qualquer tamanho, qualquer medida, qualquer intenção, pelo que contém de viveres e histórias. Serão sempre restaurações parciais, inacabadas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G.. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRANDÃO, C. A. L. *Habitabilidade e Bem Estar*. In: PROJETER 2005 - II Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura, 05 p. Disponível em: [encurtador.com.br/CKWY9](http://encurtador.com.br/CKWY9). Acesso em: 16 abr. 2019

CERTEAU, M.. *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (v.1). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GIARD, L. e MAYOL, P.. O bairro. In: CERTEAU, M., GIARD, L. MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar* (v.2). Petrópolis: Vozes, 1997.

DAMATTA, R.. *A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª edição. Rio de Janeiro - 1997

HARVEY, D.. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 17ª edição. São Paulo, Ed. Loyola, 2008.

HARGREAVES, A. Hacia una geografía de la formación docente. In: PÉREZ GÓMEZ, A.; BARQUÍN RUIZ, J.; ANGULO RASCO, J. F. (Ed.): *Desarrollo profesional del docente: política, investigación y práctica*, Madrid: Akal, 1999. p.119-145.

HUBERMAN, M.. *O ciclo de vida profissional dos professores*. In: NÓVOA, Antonio (org). *Vida de professores*. 2 ed. Porto, Portugal: Porto Ed, 2000, p. 31-61.

LEFEBVRE, H.. *O direito à Cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Documentos, 1974.

\_\_\_\_\_. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 190 p.

MAGNANI, J. G. C.. *Festa no pedaço*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, M.. *Espaço e método*. São Paulo: Ed. Nobel, 1994.

TEIXEIRA, I.A.C; ARROYO, M.; BARBOSA, L. M.; *Tempos enredados: teias da condição de professor*. 1998 enc. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

TENTI FANFANI, E.. *La condición docente: análisis comparado de la Brasil, Perú y Uruguay*, -1ª ed. - Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

VIEIRA, C. R; RELVAS, A. P. R. F. *A(s) vida(s) do professor: Escola e família*. 1ª ed. Coimbra: Quarteto Editora, 2003.

#### Notas

[1] Trata-se de uma pesquisa exploratória, sem pretensão de generalização e de representatividade estatística.

[2] Além destes, um dos principais motivos para docentes levarem para suas casas suas tarefas docentes está associado às suas condições laborais precárias, regimes e contratos de trabalho que envolvem longas jornadas e intensos ritmos de trabalho e pífios níveis salariais.

[3] Os docentes foram entrevistados no espaço da escola. Por isto, “dentro” se refere ao espaço da escola.